



O SANTO
GUERREIRO

E O HERÓI
DESAJUSTADO



Cia. São Jorge
de Variedades

O SANTO GUERREIRO DESJUSTADO E O HERÓI

Dramaturgia para a rua por

**Alexandre Krug, Marcelo Reis
e Rogério Tarifa**

em processo criativo com a Cia São Jorge de Variedades;

Livremente inspirada em “O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha”, de Miguel de Cervantes Saavedra

CIA SÃO JORGE DE VARIEDADES

Título :: **O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado**

Autores :: **Alexandre Krug, Marcelo Reis
e Rogério Tarifa**

Colaboração :: **Cia São Jorge de Variedades**

Capa, projeto gráfico e diagramação ::

Sato do Brasil

Coordenação editorial, preparação e revisão do texto ::

Alexandre Krug

Edição :: **Cia São Jorge de Variedades**

NOTA EDITORIAL

O primeiro espetáculo da Cia. São Jorge de Variedades produzido especificamente para a rua, **“O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado”**, concretizou em 2007 a paulatina aproximação do grupo com o espaço público, esboçada nos projetos anteriores. Ao mesmo tempo, lançava mais claramente uma linha de pesquisa que viria a se radicalizar em espetáculos posteriores: a reconexão do teatro com o sentido de festa popular. Duas novidades profundas na estrutura do grupo se davam junto com este trabalho e tinham relação com este caminho: o estabelecimento da sua primeira sede própria, a Casa de São Jorge, no bairro da Barra Funda, em São Paulo - SP, e o trabalho com um grande coletivo composto de artistas convidados.

Diante de uma realidade cada vez mais individualista e dividida, a Cia propunha a praça pública e o grupo expandido como afirmação da importância e a força do coletivo, propondo um encontro entre um grande clássico da literatura universal, Dom Quixote de La Mancha, e a cultura popular brasileira. A busca era por uma dramaturgia permeável, ao ponto de permitir o diálogo orgânico com os espaços e a plateia. A linguagem da peça apoiou-se no espírito festivo e anárquico do carnaval, mais especificamente dos desfiles de escolas de samba, com seu caráter narrativo e sua raiz de expressão popular. Como a execução de um samba-enredo, o espetáculo e sua história se desenvolvem em forma de alas, criando coros de figuras que abrem possibilidade para a participação do público.

Na fábula da peça, um meta-teatro: uma secular companhia de teatro chega à metrópole para apresentar a história de Dom Quixote e de São Jorge Guerreiro. O honrado fidalgo Quixote, em sua luta individual e solitária, enxerga na grande cidade a imagem da sua amada Dulcineia. Porém seus nobres ideais entram em conflito com as regras e leis que regem a realidade da metrópole. Quixote acaba vendo-se perdido, inadaptável à contemporaneidade. Sancho Pança, filho do povo, tem a coragem e a decisão de lhe indicar um possível caminho para fora do desespero, da inércia, da cegueira em que a grande cidade nos afoga. Um caminho onde os solitários Quixotes tornam-se sábios São Jorges. São Jorge, o santo popular, vem abrindo os caminhos para revelar a importância da coletividade que ainda pulsa na cidade. A história de um improvável mas necessário encontro entre Quixote e São Jorge Guerreiro surgia como uma reflexão sobre o sentido do herói nos dias de hoje na grande metrópole. Se Quixote apelava para a força da imaginação individual para romper uma realidade problemática, São Jorge vinha completar esse esforço ao apontar para a força da coletividade, ligada espiritualmente à terra.

Como uma peça-cerimônia-festa “O Santo Guerreiro...”, se abria em espírito de troca para receber sempre na parte final de cada função a participação de outros coletivos artísticos locais, o que colocava ainda mais ênfase na força do caráter coletivo, palpável no próprio método de criação e na linguagem cênica.

Pela primeira vez em sua história a Cia criava então uma peça a partir de uma relação direta com a rua. A escrita do roteiro dramático, realizada em processo, mantinha um diálogo intenso com as experimentações, improvisos e ensaios na rua. A presente edição se baseou no texto básico dos roteiristas, que já registrava a estrutura de um desfile de escola de samba em alas, a maior parte das cenas e o desenho dos personagens principais, inclusive as falas de Dom Quixote em português, de acordo com sua origem. Buscamos recuperar nesta versão definitiva, através da memória e das imagens disponíveis, o desenho final de cenas e imagens, que não se achava em nenhum registro escrito, incluindo muitas contribuições dos artistas envolvidos para a forma final do espetáculo, em forma de falas, músicas, ideias, ações etc., as quais deram realmente o contorno final a esta dramaturgia.

As rugas no rosto do ator Francisco Reiguera, que representa Dom Quixote de La Mancha no filme de Orson Welles, são as rugas do nosso rosto. Os olhos redondos vibrantes e imbuídos de loucura sadia e digna são as chaves que fazem o coração se abrir e, através do corpo, enxergar. Veias que revelam a história da humanidade trazendo em suas marcas e traços as folhas do livro que há quatro séculos boia em seu corpo, boia em nossa face e nos faz integrantes desta história. Contar, ou reviver as aventuras de Dom Quixote de La Mancha e de seu fiel escudeiro Sancho Pança, nada mais é do que arrancar as páginas do romance que estão em nossa existência, em nossa pele e que novamente por puro divertimento e necessidade ancestral serão uma a uma lidas e saboreadas com o público, numa troca de causos e vivências mútuas.

*Ao encenar o espetáculo “**O Santo Guerreiro e Herói Desajustado**” os atores deverão ter estes conceitos como essência da Criação. Cada ator que estiver fazendo um movimento, cantando uma música, ou fazendo uma cena deverá saber que estas cenas já foram feitas por milhares de artistas e cidadãos. Cada artista deve retornar às suas mais íntimas lembranças e deixar que a história e os personagens se manifestem em seu corpo. Como vivência, é proposto aos integrantes da montagem, atores, figurinistas, diretores etc., que assistam ao filme de Orson Welles com a fome de quem precisa engolir aqueles personagens para poder continuar a viver. Está mesma experiência deverá ser feita a cada leitura das cenas do livro. É preciso lembrar que no encontro com a professora Iná Camargo Costa chegamos à conclusão de que todos nós somos Quixotes e São Jorges.*

Rogério Tarifa

*Diego não conhecia o mar.
O pai. Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o sul.
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito
caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e
tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
- Me ensina a olhar!*

Eduardo Galeano

“O livros dos abraços”

Tradução de Eric Nepomuceno

CENA 1 :: A VISÃO DO MAR (COMISSÃO DE FRENTE)

Vem surgindo pela rua a Cia São Jorge de Variedades. Tocando e cantando, cansados de uma longa viagem, com uma trupe mambembe que roda o mundo sem parar, os integrantes trajam uniformes, calças, camisetas brancas ou vermelhas com o símbolo da Cia São Jorge de Variedades, jaquetas de marinheiro azuis e chapéus variados azuis ou vermelhos. O Coro dos integrantes da Cia canta e vem cavalgando os últimos passos antes de chegarem no mar que é a cidade de São Paulo.

MI CABALLO ESTÁ CANSADO (Composição do cancionero popular chileno.)

CORO

*Mi caballo está cansado
Ya no puede cabalgar
Dicen que perdió una pata
Andando atrás de una yegua*

(A Cia vem trazendo dois carros alegóricos. O primeiro, vermelho, representa a saga de São Jorge. O segundo, azul, a história de Dom Quixote. Os dois juntos formam uma enorme embarcação. Vêm avançando até entrar no espaço de apresentação, uma grande roda formada pelo público. Caem finalmente no chão, extenuados. De repente, enxergam o mar.)

CANTOR

*Oi viva o Sol
Oi viva a Lua
Oi dá licença
Tô chegando nessa rua*

(Ao avistarem o mar, os atores se posicionam na frente dos carros. Alguns sobem na embarcação para melhor enxergar, outros sentam no chão contemplando a nova paisagem. Aos poucos a brisa, o cheiro e a imensidão da metrópole invadem cada ator. Encantados com a imagem e felizes pelo fim da longa caminhada, cantam em homenagem a cidade, em homenagem ao mar:)

O MAR (Composição de Dorival Caymmi, 1954, trecho.)

CORO

*O mar...
Quando quebra na praia...
É bonito... é bonito...*

*O mar...
Pescador quando sai
Nunca sabe se volta
Nem sabe se fica...*

*Quanta gente perdeu
Seus maridos... seus filhos...
Nas ondas do mar...
O mar...*

(O Diretor adianta-se e fala ao público. Usa um quepe de capitão de navio.)

DIRETOR

Após quatro séculos viajando em busca do mar, a Cia São Jorge de Variedades...

CORO

Hou!

DIRETOR

...chega a São Paulo para apresentar o espetáculo...

CORO

“O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado”!

DIRETOR

Montagem encenada pelo grupo há já dois séculos. Todos aqui estão muito cansados, pois a viagem foi longa... porém a possibilidade de conhecer este imenso mar os fez caminhar. Pois para aqueles são jorgeanos antepassados...

CORO

...e para nós, São Jorges e Quixotes de hoje, a cidade de São Paulo é o mar. A nossa aventura vai começar!!!

Oi VIVA O SOL

*Oi Viva o Sol! Oi viva a Lua
Oi dá licença! Tô chegando nessa rua*

*Oi passa o tempo
Oi tempo passa
Oi dá licença
Tô chegando nessa praça*

(Todos se ajoelham para apresentar os Corifeus, que chegam andando em pernas de pau: um Corifeu que representa Dom Quixote e uma Corifeia que representa São Jorge. Eles cada um sua respectiva bandeira e costeiros de destaque de carnaval. Saúdam o Diretor da Cia, que beija as bandeiras. Em seguida todos vão se preparar, os carros são colocados lado a lado junto da Banda, na borda da roda, enquanto os Corifeus circulam agitando as bandeiras. Durante a música são distribuídos ao público leques de papel com a letra do samba-enredo que será cantado, como no carnaval. Ao final da música agrupou-se no carro azul e o Diretor no centro comanda.)

DIRETOR

Companhia São Jorge de Variedades!

CORO

Hou!

DIRETOR

Vamos agora conhecer novamente o mistério e a amargura! Vamos dançar pra afugentar os maus espíritos!!

(A Banda começa a tocar o samba-enredo. Todos cantam, surge o Sr. Quixada num dos carros, que começa a desfilar ao som da música.)

VAMOS FESTEJAR

CORO

*Acorda meu povo!
Vem aprender a sonhar
Dom Quixote apaixonado
Num mundo civilizado
Vive sempre a penar*

Olha a Cia. São Jorge aí, gente!!

*Vem...
Vamos festejar
Vamos festejar
O teatro se levanta
É Dom Quixote e Sancho Pança
É São Jorge em seu Cavalo
Que vem nos visitar*

*Hoje eu acordei
De um sonho tão bonito
Um Brasil tão colorido
De gente alegre a brincar*

*Meu Deus quanta satisfação
A cidade sem miséria...
O povo bem tratado!
É a revolução!*

*Acorda meu povo!
Vem aprender a sonhar
Dom Quixote apaixonado
Num mundo civilizado
Vive sempre a penar*

CENA 2 :: O SURGIMENTO DE DOM QUIXOTE (CARRO ABRE ALAS)

Primeira alegoria e instalação coletiva :: Carro “Sr. Quesada”

(Ao final da música, o grupo forma no carro alegórico azul a imagem do Sr. Quesada, de pé com uma espada na mão e lendo um livro. O Coro à sua volta representa todos os seres que povoam os livros de cavalaria. O Corifeu e a Corifeia se destacam do Coro. Eles carregam um enorme livro. Cada vez que abrem o livro, os seres que rodeiam o Sr. Quesada ganham voz, numa polifonia de sons. Por fim os Corifeus iniciam a história.)

CORIFEUS

(Alternando-se.)

- En un lugar de La Mancha
- Num vilarejo de La Mancha
- De cuyo nombre no me quiero acordar
- Cuyo nome... prefiro não lembrar
- Vivía, no hay mucho tiempo
- Vivia, não faz muito tempo
- Um desses fidalgos de vida pacata e tranquila
- Que como todo bom fidalgo
- Possuía tinha em sua casa
- Além de tantas quinquilharias
- Uma lança antiga
- Um cavalo magro

- E um galgo corredor.
- Galgo?

CORO

- Au au au!!

CORIFEUS

- Era um homem de meia idade

(O Sr. Quesada se destaca da imagem, começa a caminhar e ler seus livros pelo espaço, três coreutas também se destacam, seguindo o Sr. Quesada, formando com ele uma “Ala de Quesadas” que evolui com a narração.)

- Seco de carnes
 - E de rosto comprido
 - Que passava seu tempo na pequena cidade
 - A ler
 - Livros
 - E mais livros
 - E mais livros
- (Ambos.) De cavalaria!!

QUESADA

(Para alguém do público.)

“A razão da sem-razão que se faz à minha razão, de tal maneira minha razão enfraquece, que com razão me queixo da vossa formosura”.

CORIFEUS

- Entendeu?
 - Não!
 - Nem eu! Nem Aristóteles entenderia!
 - Sua obsessão pelos livros era tamanha
- Que vendeu parte de suas terras na Espanha.
- Pra quê?
 - Pra comprar
 - Livros
 - E mais livros
 - E mais livros
- (Ambos.) - De cavalaria!!
- Os livros eram sua paixão
- Lia tanto que até de comer se esquecia
- Guardava tudo na memória.
- Lia e relia cada história

Passava acordado dia e noite, noite e dia.
Vivia no mundo da imaginação.
– E assim, de pouco dormir e de muito ler
– Se lhe secaram os miolos
– De maneira que chegou a perder o juízo
– E encheu-se lhe a fantasia
De tudo quanto lia
– Batalhas!

(A Ala Quesadas e os Corifeus vão encenando todos esses elementos, envolvendo o público.)

– Duelos!
– Feridas!
– Castelos, dragões,
– Donzelas?
– Ah, amores!
– Feitiços!
– Gigantes!
– Anões...
– Tormentas!

(Ambos.) E desses pensamentos estranhos e delirantes
Achou necessário tornar-se...

CORO

...cavaleiro andante!!!

(Todo o Coro sai com o Sr. Quesada numa “Ala Cavaleiros”. A Ala encontra-se com o Mestre-Sala e a Porta-Bandeira da Cia. São Jorge, que vêm para sagrá-lo como cavaleiro. O Coro puxa um coco para iniciar o batismo.)

DOM QUIXOTE CHEGOU

*Vendeu as suas terras
Os seus bens abandonou
É Dom Quixote
Que nessa casa chegou*

*Se alimentou de livros
De livros se alimentou
É Dom Quixote
Que nessa casa chegou*

*Tem quem diz que é um louco
Tem quem diz que é sonhador
É Dom Quixote
Que nessa casa chegou*

CORIFEU

- E assim, de Quesada
- ...ou Quixada, como se chamava, tornou-se...

QUESADA

Quixote!

CORIFEUS

- E tomando sua pátria como sobrenome
- Batizou-se...

QUESADA

Dom Quixote de La Mancha!

CORO

Dom Quixote de La Mancha!

(Todos do Coro coloca uma bacia de latão como capacete, tornando-se a “Ala de Quixotes”, num gesto de batismo coletivo e em seguida cantam, enquanto o Mestre-Sala e a Porta-Bandeira colocam em Dom Quixote as armas – espada e escudo – e o capacete, batizando-o.)

SALVE CAVALEIRO DE LA MANCHA

PORTA-BANDEIRA E ALA DE QUIXOTES

Que cavaleiro é esse que carrega a sua lança
Oi salve, oi salve
Cavaleiro de La Mancha
A sua cavalaria destemida sempre avança
Oi salve, oi salve
Cavaleiro de La Mancha

A Porta-Bandeira encosta-lhe a lança no peito e pergunta:

PORTA-BANDEIRA

Dom Quixote de La Mancha, contra o que vais lutar?
(Ele se levanta, segurando a lança contra seu peito.)

DOM QUIXOTE

Lutarei contra a injustiça, a miséria e a corrupção,
Restaurando valores como honra, honestidade e humanismo
E assim, enfrentando perigos, aventuras...

CORIFEU

...e todo o tipo de problemas!...

(Quixote empunha a lança e batiza também sua Ala, que está ajoelhada. Mestre-Sala e Porta-Bandeira jogam confete no Quixote e na Ala de Quixotes. Toque para Ogum. Quixote e sua Ala realizam uma coreografia juntos, girando para todos os lados da roda.)

CORIFEU

Ei, Don Quijote! Ahora ya tienes escudo, armadura, pero aún te falta...

ALA DE QUIXOTES

La cabalgadura!

DOM QUIXOTE

Yo tengo em minhas terras, um caballo que é mais forte que el Bucéfalo de Alexandre!

(Um dos atores da Ala de Quixotes torna-se Rocinante. Ele se apresenta para o público.)

CORIFEUS

- Dom Quixote tinha em sua fazenda
- Um belíssimo exemplar de pangaré da roça
- Mas que aos olhos de nosso cavaleiro parecia um cavalo
- Esquálido!
- Brilhante!
- Fracote!
- Fascinante!
- Banguela!
- Estonteante!
- Tá na cara que esse cavalo não come nada!
- É o único que ele tem!
- E para que estivesse à altura de um cavaleiro valente, procurou por um nome que fosse... elevado! Significante!
- E como o cavalo era mesmo um rocim...
- Batizou-o...

DOM QUIXOTE

...Rocinante!

(A Ala de Quixotes saúda Rocinante, fazendo sons de cavalgada.)

CORIFEUS

- E como todo cavaleiro andante
- Sempre tem um ajudante
- Procurou Dom Quixote de La Mancha
- Por um homem que fosse honesto
- Mas corajoso para acompanhá-lo em sua aventura.

(Ele sai em busca de um escudeiro, entre o público, os atores etc.)

DOM QUIXOTE

Ei, tu! És honesto y corajoso? Quieres ser escudero de un gran caballero? Y tu?

CORIFEIA SÃO JORGE

És corajoso ou cagón? (Etc.)

(As pessoas que topam ser escudeiros recebem chapéus para formar uma ala.)

DOM QUIXOTE

Alguém más quiere ser escudero?

(Dom Quixote encontra Sancho Pança, que sai do meio do público, junto com seu burrico. Usa chapéu de palha e sua pança é uma bola de futebol.)

SANCHO

Senhor, minha coragem é do tamanho da minha necessidade. Seria uma honra servir o Senhor, mas eu tenho mulher e filhos, o Senhor compreende? Que é que eu ganho com isso?

DOM QUIXOTE

Mas é claro! Se me servires como escudeiro ganharás muito! Fama, glória eterna...

SANCHO

Isso aí não me interessa... (Sancho vai indo embora.)

ALA DE QUIXOTES

Uma ilha! (Sancho presta atenção.)

SANCHO

Eu ouvi direito? Uma ilha, senhor?

DOM QUIXOTE

Sim! É costume entre os caballeros fazer de seus escuderos governadores das ilhas que conquistam!

SANCHO

Uma ilha?! Nossa Senhora! Aceito!!

(O Coro troca o capacete por gorros de palha e se torna a “Ala de Sanchos”. Sancho Pança e os outros possíveis escudeiros colocam-se junto de Rocinante.)

ALA DE SANCHOS

Eu aceito!

SANCHO

Posso levar meu burrico?

DOM QUIXOTE

Bem, nunca li em parte alguma que um escudero andasse em burrico...

SANCHO

Ah, mas eu vou levar meu burro, não ando sem ele. Ruço, cadê você? Ruço! Vambora!

ALA DE SANCHOS

Ruço!

(O burro aparece entre o público.)

RUÇO

O que eu ganho com isso?

SANCHOS

Uma ilha, Ruço!

RUÇO

Não, uma ilha eu não quero!

SANCHO

E isso aqui?

(Mostra uma folha de alface. O burro vem alegre comer.)

SANCHO

Podemos ir, senhor!

CORIFEUS

- E assim tornaram-se escudeiros
- Os nobres... (Nome dos outros escudeiros.)
- E Sancho Pança!

(Dom Quixote sai em andança junto ao Rocinante, a Ala de Sanchos vai atrás cantando enquanto caminha.)

AI QUE DÓ

ALA DE SANCHOS

Ai que dó

Ai que dó

Ai que dó do escudeiro Sancho Pança.

DOM QUIXOTE

Sancho, o espírito de la cavalaria ainda está vivo! Há quatro séculos disseram que la profissão de cavaleiro andante estava fora de moda, mas eu acredito que ela seja la única esperança para o futuro.

SANCHO

Eu acredito em Vossa Mercê, mas não vá se esquecer da ilha que prometeu pra gente.

DOM QUIXOTE

Terás a tua ilha, Sancho! Mas para isso é preciso antes ser famoso, conquistar la glória e o renome realizando grandes feitos, e não debaixo de teto, mas a céu aberto, como alvos expostos dos intoleráveis raios do sol e dos arrepiantes gelos no inverno. Enfrentar a fome, a sede e os perigos que assolam a todos os que desejam professar a nobre arte da cavalaria andante...

(Sancho e sua Ala vão reagindo contrariados a cada dificuldade que Dom Quixote enumera, principalmente a fome. Saem todos novamente em andança.)

ALA SANCHO PANÇA

Ai que dó

Ai que dó

Ai que dó do escudeiro Sancho Pança.

CORIFEUS

- Faltava agora, para ser completo
- dedicar seus feitos a uma dama! (Mostra a imagem da dama no livro.)

(Todas as mulheres do Coro tiram o chapéu de Sancho e tornam-se Dulcineias.)

ALA DE DULCINEIAS

Aaaahhhh!!

(Espalham-se pelo público, colocando-se ao lado de outras mulheres. Aos poucos vão trazendo adereços que remetem à cidade, outdoors etc.)

CORIFEU QUIXOTE

Pois cavaleiro sem amores
Era corpo sem alma, árvore sem frutos e galho sem flores.
Dom Quixote de La Mancha inventou em sua cabeça
Uma dama por quem seria eternamente enamorado
(Corifeus pegam uma mulher do público como Dulcineia.)
E achou perfeito nomeá-la...

DOM QUIXOTE

Dulcineia!

ALA DE DULCINEIAS

(Canta ao som de uma música sedutora.)

Dulcineia del Toboso!!

Dulcineia del Toboso!!

(Falando à Dulcineia idealizada que tem na cabeça, começa dirigindo-se à mulher do público.)

DOM QUIXOTE

Oh senhora da minha alma, Dulcineia, flor da formosura!
A todas as mulheres.
Eu te consagro o meu coração e todos os meus pensamentos.
Passa a falar à cidade em geral.
Por tua honra e tua glória prometo enfrentar todos os perigos. Teu até a morte, Dom Quixote de La Mancha!

(Quando ele termina de falar, a Ala das Dulcineias já formou uma imagem da cidade junto ao público. Estandartes na imagem mostram a metrópole com um rosto de mulher, olhos, batom etc.)

CORIFEU

Senhor Dom Quixote de La Mancha! Como dizia o diplomata poeta, para viver um grande amor, primeiro é preciso sagrar-se cavaleiro e ser de sua dama por inteiro, seja lá como for.

(A Corifeia São Jorge destaca-se do coro de Dulcineias. Vai sedutoramente até Dom Quixote, coloca-lhe uma venda e o beija. Ele sai andando, guiado por ela, até a Ala das Dulcineias, que cantam sedutoramente.)

ALA DE DULCINEIAS

*É São Paulo que é
Terra pra gente viver
É São Paulo que é
Terra pra gente viver
Olha a luz e a fumaça
O cigarro e o café
Olha a luz e a fumaça
O cigarro e o café*

(Dom Quixote vendado e Sancho Pança saem em andança atrás das Dulcineias. Sancho vai beijando as mãos das mulheres etc. Sobem com elas no carro vermelho, que traz a bandeiras da cidade e do estado de São Paulo, e formam com elas uma instalação.)

CENA 3 :: QUIXOTE E SANCHO PANÇA NA CIDADE (ALAS)

Segunda alegoria e instalação coletiva – Carro “Dulcineia-São Paulo, meus olhos por essa terra”.

(Dom Quixote e Sancho Pança tornaram-se destaques do carro alegórico, onde está a Ala das Dulcineias. O Corifeu fala enquanto a música das Dulcineias continua.)

CORIFEU QUIXOTE

E assim o nosso bem-intencionado fidalgo se tornou um completo cavaleiro andante. E partiu! Partiu em busca de fama, glória, grandes aventuras. Após séculos de cavalgadas, chega a São Paulo. São Paulo de todas as raças, todas as cores, muitos amores. Chega atrás de seu grande amor, Dulcineia! Agora, Dulcineia desvairada. Tua Dulcineia-São Paulo, Dom Quixote de La Mancha. Amor não correspondido, amor difícil, esfumaçado, em trânsito, repleto de edifícios e asfaltado de solidão. Senhoras e senhores, nós da Companhia São Jorge de Variedades temos o prazer de realizar aqui, nesse espetáculo, o tão esperado encontro entre Dom Quixote de La Mancha e Dulcineia-São Paulo! E agora com vocês, o Hino Oficial do Estado de São Paulo, versão compactada e adaptada da Companhia São Jorge de Variedades!

(O carro onde está Dom Quixote, já sem a venda, está de frente para o outro carro, do outro lado da roda, formando uma passarela entre eles. Todo o Coro distribuído nos dois carros canta o hino. Os Corifeus no centro da roda regem. Música patriótica em ritmo de marcha militar.)

HI NO DOS BANDEIRANTES

(Adaptação da Cia São Jorge de Variedades com música própria para o poema “Hino dos Bandeirantes” escrito por Guilherme de Almeida, letra oficial do Hino do Estado de São Paulo.)

CORO

*Paulista, para só um instante
Dos teus quatros séculos ante
Tua terra sem fronteiras
Teu São Paulo das bandeiras
Deixa atrás o presente
Olha o passado à frente.*

*Vai segue a entrada
Enfrenta, avança, investe*

*Rompe, abre, vara, acorda
Doma, escuta, tira, retorce
Escorre, lavra, planta, agora povoa.*

*Depois
Volta à garoa.*

(Todos cantam o hino em posição de sentido. Na repetição do hino, a Ala das Dulcineias sai em marcha pela passarela no meio da roda, evoluindo de um lado para outro com bandeirolas, formando no final um comitê de recepção junto com os Corifeus, voltado para o carro de Dom Quixote.)

CORIFEUS

- Bienvenido, Don Quijote y Sancho Panza!
- Bem vindo, Seu Chicote e Dom Chupança!
- Ustedes han dejado para tras su patria, su tierra y sus familias!
- Vocês deixaram para trás sua pátria, suas terras e suas tias!
- Pero no vos aponquentéis, Don Quijote y Sancho Panza!
- Mas não esqueçam a cabeça, Seu Chicote e Dom Chupança!
- Porque la madre de la ciudad
- Porque a amante da cidade
- São Paulo
- São Paulo
- Está acá, de brazos y piernas abiertas para recibir-vos!
- Bem-vindos, Seu Chicote e Dom Chupança!

(As mulheres deitam-se em fila no chão da passarela e abrem as pernas. Agitam suas bandeiras enquanto a Banda toca. Mestre-Sala e a Porta-Bandeira evoluem pela passarela.)

ALA DE DULCINEIAS

Bem-vindos, Dom Quixote e Sancho Pança!

PORTA-BANDEIRA

Dom Quixote de La Mancha! Receba agora a chave de nossa cidade!

(O Mestre-Sala lhe entrega uma grande chave. Aplausos. Ele ainda está no alto do carro vermelho, junto com Sancho.)

DOM QUIXOTE

Oh, minha doce amada Dulcineia, finalmente te encontro, depois de tantas batalhas vencidas em teu nome, aqui estou para navegar em tuas águas límpidas e cristalinas. Uma vez mais não posso deixar de exaltar tua beleza: teus cabelos de ouro, os Campos Elíseos de tua testa, os arcos celestes de tuas sobranceiras, teus lábios de coral. Oh, minha doce amada Dulcineia, aqui está o teu cavaleiro!

(Ao som de uma marcha, Dom Quixote e Sancho Pança descem do carro e desfilam montados no cavalo e no burrico. A música de repente se converte no tema do “Programa Sílvio Santos”. Alegria geral como em programas de auditório, todos dançam, agitam bandeiras etc.)

CORO

É Dom Quixote-lá e Sancho Pança-lá

Lá, lá, lá, lá, lá, lá

Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá (Etc.)

(Um dos corifeus anuncia as atrações que desfilarão pela passarela, em forma de alas. Quixote e Sancho são conduzidos novamente ao topo do carro vermelho.)

CORIFEU QUIXOTE

E agora, Sr. Dom Quixote, conheça melhor a sua amada Dulcineia-São Paulo! Conheça suas atrações, seus meandros, seus encantos e recantos. Primeiramente, gostaríamos de apresentar uma ala que vem crescendo a cada dia que passa em nossa querida cidade. Porque como incansáveis guerreiros, eles tornem ao relento sob a luz do luar em confortáveis colchões de concreto. Os nossos queridos moradores de rua!

CORIFEIA SÃO JORGE

Mendigos!

(Entra a “Ala do Mendigos” sai do carro vermelho, atravessando a passarela ao som de um samba. Vem cobrindo as cabeças, capengando, cantando, sambando e ao mesmo tempo pedindo, bebendo cachaça, se apoiando uns nos outros, misturando alegria e sofrimento. Sancho se mistura com eles. Atravessam o espaço até o carro azul, se instalando no chão em torno dele, formando uma imagem – uma fotografia.)

O ORVALHO VEM CAINDO (Composição de Noel Rosa e Kid Pepe, 1933, trecho.)

ALA DOS MENDIGOS

*O orvalho vem caindo
Vai molhar o meu chapéu
E também vão sumindo
As estrelas lá no céu
Tenho passado tão mal
A minha cama é uma folha de jornal*

(Dom Quixote e Sancho avançam em direção a eles.)

DOM QUIXOTE

Vê, meu bom Sancho, que bela surpresa! Estos son autênticos cavaleiros, pois dormem ao relento, sem dúvida se sacrificam para realizar as melhores obras. Eia, nobres cavaleiros, despertem! Juntem-se a nós, ó homens de valor, que conhecem as dificuldades de uma vida dedicada às aventuras, enfrentando as intempéries, a fome e a sede. Temos ainda muitas batalhas a vencer!

SANCHO

Ô senhor, eu acho que esses cavaleiros aí não fizeram aquele voto da cavalaria que nem o senhor, não...

DOM QUIXOTE

Como não?!

SANCHO

Eu não sei, tô achando que eles não tem aonde morar, senhor...

DOM QUIXOTE

Hein?!

CORIFEU QUIXOTE

Sim, é Dom Quixote... Aliás este é o sonho de todo bom paulistano, é ou não é, meu povo? A casa própria!

(Entra a “Ala Moradia”, saindo do carro azul, atravessando a passarela ao som de um samba. Vem todos tentando se apertar debaixo de um estreito tecido que seguram sobre as cabeças enquanto cantam e sambam. Vem rezando, mostrando anúncios imobiliários etc. Sancho se mistura a eles. Atravessam o espaço até o carro vermelho, se instalando no chão em torno dele. Formam uma fotografia.)

SAUDOSA MALOCA (Composição de Adoniran Barbosa, 1951, trecho.)

ALA MORADIA

Saudosa maloca, maloca querida

Dim dim donde nós passemos dias feliz de nossa vida

Joga as cascas pra lá

Joga as cascas pra lá

Joga as cascas pra lá, meu bem

SANCHO

Senhor Dom Quixote! Essa sua cidade é o paraíso! Não precisa mais de ilha nem de nada! Eu arranjei uma casa! Uma casinha. Foi um financiamento, senhor! São só 30 anos pra pagar, o senhor paga uma parcelazinha a cada mês e, no final, o senhor tem a sua casa...

DOM QUIXOTE

Cala-te energúmeno! É claro que esta minha cidade é um paraíso. Mas esqueceste as regras da cavalaria andante? Que os cavaleiros não dormem debaixo de um teto, e sim sob o manto das estrelas, que desprezam o conforto e se sacrificam por honra e glória de sua amada? Pois estas regras, Sancho, também valem para os escudeiros!

SANCHO

Ah, meu São Jorge, assim não dá!! Eu não aguento mais essa história de passar frio, fome. “Ai que dó, ai que dó...” Logo agora que a gente podia ser sorteado e ganhar a casa! É como dizia minha vó: “Se merda fosse dinheiro, pobre não tinha cu.”

DOM QUIXOTE

Sancho Pança, o que é isso!?!

(O elenco, escandalizado, pede desculpas ao público: “Que falta de educação, tsc, tsc...” Etc. Porta-Bandeira, agora como corifeia, fala do alto do carro azul.)

PORTA-BANDEIRA

Que que é isso, Sancho Pança? Seja mais feliz! Entre em um dos nossos espaçosos e confortáveis veículos. É o mais eficaz meio de transporte! É o busão!!!

(Sai a “Ala Cidade em Movimento”, ou “Ala do Busão”, um chofer na frente e atrás todos em fila segurando um longo bastão como dentro de um coletivo superlotado. Vem se apertando e se empurrando, dão uma volta pelo espaço. Sancho pula dentro do ônibus, Quixote é puxado também e passam por todo o aperto.)

BAGULHO NO BUMBA (Composição de Jose De Souza Dantas Filho / Luiz Gonzaga / Henrique De Araújo Lima / José Roberto Da Silva (Os Virgulóides), 1997, trecho.)

ALA DO BUSÃO

Nessa bumba não ando mais

Acharam um bagulho no banco de trás

É, é, é. Eu acho que o bagulho é de quem tá de pé

(O busão para de volta no ponto inicial, formando uma fotografia. Os dois são cuspidos pra fora, rodopiando até conseguirem falar.)

DOM QUIXOTE

Fomos engolidos por uma máquina demoníaca! O calor que faz ali é como nas forjas de Vulcano! Melhor para ela que nos soltou, senão a força do meu braço e da minha espada...

SANCHO

Senhor, nunca passei tanto aperto na vida! Não sei como cabe tanta gente dentro daquela lata!! Eu prefiro mil vezes o meu burrico do que esse tal de busão! É verdade, tem um ditado que diz: “antes um asno que me carregue do que um cavalo que me derrube. Senhor, me explica uma coisa: o porquê que essa gente anda nessa lata?

DOM QUIXOTE

Devem estar pagando alguma promessa, Sancho. Porque com certeza a vida na minha cidade é digna e confortável.

(Começa música de rock em ritmo rápido.)

CORIFEIA SÃO JORGE

Don Quijote de La Mancha! Sancho Panza! Cuidado! Vem aí os nossos cachorros locos! Como incansáveis guerreiros em batalhas permanentes em nossa cidade! Um verdadeiro exército que não para de crescer, cada vez mais exigidos pela sua sempre atarefada Dulcineia. São eles! Os inconfundíveis motoboys!

(A “Ala dos Motoboys” entra em cena ao som da música, cruzando velozmente pelo espaço em todas as direções, fazendo manobras perigosas. Dom Quixote, zozinho, saca sua espada. Até o Corifeu Dom Quixote, de capacete, passa num monociclo de espada na mão e duela com ele.)

ALA MOTOBOYS

Sai da frente, tio, que os documento é urgente!! (Etc.)

DOM QUIXOTE

São ciclopes infernais!! Enfrentarei este exército!!

RUA AUGUSTA (Composição de Hervé Cordovil, 1964, trecho adaptado.)

PORTA-BANDEIRA

*Desci a rua Augusta
A cento e vinte por hora
Botei a turma toda
Do passeio pra fora
Fiz curva em duas rodas
Sem usar a buzina
Parei a quatro dedos da vitrina*

*Hai-hai, Johnny, hai-hai, Alfredo
Quem é da nossa gangue
Não tem medo*

(Dom Quixote quer enfrentá-los, mas os Motoboyos acabam todos se atropelando, se acidentando e morrendo, formando a fotografia de uma pilha de corpos. A música cessa.)

CORIFEIA SÃO JORGE

São mais de trezentos motoboyos que tombam a cada an... – (Cai morta também.)

DOM QUIXOTE

Pobres diabos! Com toda sua pressa, morrem como pássaros numa vidraça!

SANCHO

Que é isso senhor. Passarinho que come pedra sabe bem o cu que que tem...

DOM QUIXOTE

Sancho Pança!?!

(Entra música de samba-enredo.)

PORTA-BANDEIRA

Dom Quixote! Veja agora como vivem os filhos da nossa terra. Vem aí o futuro do nosso país, as nossas maravilhosas crianças!

(Entra a “Ala Meninos de Rua”, atravessam a passarela ao som da música cheirando cola em pedaços de tecido etc. Vem sorrindo e abanando como uma ala de escola de samba. Sancho se mistura a eles, acaba cheirando cola também. Atravessam o espaço do carro vermelho para o carro azul.)

PORTA-BANDEIRA

É os meninos-lá

Cheirando cola- lá

Lá, lá, lá, lá, lá, lá

Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá (Etc.)

(A Ala passa e forma uma imagem congelada – uma fotografia. Sancho se destaca do grupo e vem viajando de cola.)

SANCHO

Senhor, Senhor Dom Quixote! Já chegamos na ilha? Já posso me tornar governador? Nossa, que maravilha, quantas palmeiras, quantas donzelas, que céu azul, uaaauuu...

DOM QUIXOTE

Que é isso, meu leal escudeiro? Estás encantado! Deixa-me ver o que tomaste... (Cheira a cola.) Argh!! É uma poção maligna, algum feiticeiro fez para encantar aquelas crianças que passaram. Aqui, Sancho, lava tua cara. (Joga um cantil d’água em Sancho.)

SANCHO

(Todo molhado.) Que é isso, senhor?

DOM QUIXOTE

Um bom cavaleiro deve conhecer os antídotos contra as magias! Agora vou salvar aquelas pobres crianças...

(Música de rock and roll.)

ROCK DA CACHORRA (Composição de Leo Jaime, 1982, trecho adaptado.)

CORO

Auuu, auuu

Troque seu cachorro por uma criança pobre

Troque seu cachorro por uma criança pobre

Auuu, auuu

(“Ala das Madames” começa a passar, passeando com seus cachorrinhos – são rolos de papel higiênico em vez de cachorros. Funcionário vem atrás delas, limpando o cocô – recolhendo o papel higiênico. Elas passam e também formam uma foto, junto ao carro vermelho.)

SANCHO

Senhor! Estas madames aqui da cidade grande tem escudeiros só para catar a merda dos seus vira-latas! Onde já se viu isso?

DOM QUIXOTE

Em tantos anos de cavalaria, nunca vi tamanha desonra! No son escuderos, no son homens, son escravos.

SANCHO

E digo mais, parece que tanto elas e quanto os cachorros tomaram banho de perfume, e dos bem fedidos!!

DOM QUIXOTE

(Olha embaixo da sola.) O que eu estou sentindo não é bem perfume, meu bom Sancho... Olhe aqui essa bota...

SANCHO

O senhor pisou na merda!! Tem que limpar, tira a bota!

DOM QUIXOTE

Espere um pouco! Tudo está contaminado por esta sujeira!!

PORTA-BANDEIRA

Está prestando atenção, Sr. Dom Quixote? Conheça então os responsáveis pelo...

DOM QUIXOTE

Espere um pouco, minha senhora!! Dá-me isso!

(Dom Quixote toma o microfone.)

PORTA-BANDEIRA

Mas a gente tem que continuar, Dom Quixote...

DOM QUIXOTE

Eu quero saber agora o que está acontecendo com minha cidade!! Que obra de encantamento é esta que transforma a beleza de minha Dulcineia em feiura, a gentileza em grosseria e a riqueza em miséria? Quem são os responsáveis por isso??

PORTA-BANDEIRA

Sei lá, Dom Quixote, sei lá... os políticos, executivos, empresários, os banqueiros... Dom Quixote! Na verdade o que impulsiona mesmo esse mar de concreto... é o mercado! O comércio! O dinheiro, Dom Quixote, o dinheiro! E neste grande aldeia global você pode tudo! Compre! Compre e será seu! Compre mais! Compre mais, realize os seus sonhos! Seja mais feliz, compre! Compre, porque...

(A Banda começa a tocar um coco. Forma-se a “Ala dos Vendedores”, que passam oferecendo suas mercadorias a Dom Quixote e Sancho Pança na passarela, depois a todo o público, conversando, regateando etc. Mostram seus produtos em placas de anúncios que vestem, tipo homem-sanduíche. Os anúncios inusitados trazem p.ex., “Trabalho Infantil”, “Cirurgia Plástica”, “Olhos da Cara”, “Vendo Minha Mãe”, “Mega Sonhos 1,99”, “Compro e Vendo Você”, “Barato” (com drogas) etc.)

É BARATINHO

ALA DOS VENDEDORES

É baratinho, bonitinho, tá novinho

Tem chupeta, mamadeira

Tem até enceradeira

Peça pra sua geladeira

Tem de tudo nessa feira

É baratinho, bonitinho, tá novinho

PORTA-BANDEIRA

(Enquanto a cena e a música se desenrolam.) Pessoal, atenção. É nessa hora que a gente vende o CD da Banda. Quem quiser comprar o CD da Banda Queima Coco, está só 10 reais porque...

CORO

É baratinho, bonitinho, tá novinho

PORTA-BANDEIRA

Original, não é pirata! Podem vir, tá baratinho!

CORO

É baratinho, bonitinho, tá novinho

(Todos os vendedores começam a vender bacias de latão – as mesmas que usaram antes como elmos de cavaleiro.)

PORTA-BANDEIRA

Olha a bacia! Tá muito barata, tá 1 a 10 reais. Mil e uma utilidades!

CORIFEIA SÃO JORGE

Lava a calcinha, lava a bundinha!

PORTA-BANDEIRA

Olha a bacia, olha o bacieiro! É bacia de baciada! Tem de todo o tipo! Olha a promoção!

(A Ala dos Vendedores atravessou a cena e formou a fotografia junto ao carro azul. As bacias de latão cobrem os rostos, eles se tornam a “Ala das Bacias”. A música cessou, mas eles continuam dançando no lugar com seus produtos. Dom Quixote enxerga os vendedores como cavaleiros em busca de aventuras, de repente ele repara no que a Corifeia São Jorge, no alto do carro, traz na cabeça.)

DOM QUIXOTE

É ele!!!! É o Elmo de Mambrino!! Aquele homem traz na cabeça o elmo de puro ouro que pertenceu ao grande Mambrino, nobre cavaleiro que lutou na batalha de Roncesvalles ao lado de Rolando e dos Doze Pares de França!

SANCHO

Mas meu Senhor... o que estou vendo é uma senhora, olha bem, que traz na cabeça alguma coisa que brilha. E já dizia minha vó: “Nem tudo que reluz é ouro”. O que parece mesmo é uma bacia de barbeiro, escrita e escarrada.

DOM QUIXOTE

Pois eu te digo, Sancho, aquele é o Elmo do grande Mambrino!! E só um grande cavaleiro como eu é digno de pô-lo na cabeça! Dá-me as armas! (Sob os protestos de Sancho, ele pega a lança e o escudo e parte para cima da Ala das Bacias.) Defende-te, mísera criatura, ou entrega-me voluntariamente o que com tanta razão me pertence!!

(A Corifeia joga a bacia para o Corifeu, que corre pelo espaço, entrega ao público, fazem um jogo, Quixote desfia para um duelo etc.)

CORO

É baratinho, bonitinho, tá novinho

(Dom Quixote por fim consegue pegar a bacia. Veste-a solenemente como elmo. Sancho cai na gargalhada.)

DOM QUIXOTE

De que te ris, Sancho?! Desafortado, diga logo!

SANCHO

Senhor, calma... é que esse tal de Malandrino aí tinha a cabeça um pouco estranha... Ah, ah, ah...!

DOM QUIXOTE

É Mambrino, Sancho!!

SANCHO

Esse aí, senhor, e o negócio está faltando um pedaço, olha...

DOM QUIXOTE

Mas é claro! Por ser de puro metal nobre, alguém tirou um pedaço para vendê-lo. Mas assim que encontrar o ferreiro mandarei consertá-lo e terei um Elmo mais fuerte que o que Vulcano fez para o Deus das guerras!

CENA 4 :: QUIXOTE E SANCHO PANÇA PRESOS EM SUA PRÓPRIA IMAGEM

Terceira alegoria e instalação coletiva – “Dom Quixote e o Exército de Ovelhas”.

(O enorme livro de Dom Quixote aparece no meio da Ala dos Vendedores.)

PORTA-BANDEIRA

Dom Quixote! U-huuu! Mais uma surpresa da sua Dulcineia-São Paulo! O livro com as aventuras de Dom Quixote e Sancho Pança!! Nova edição, bilíngue, capa dura! Grande lançamento! Nova tradução, comentada pelos doutores da USP! Fama, glória, sucesso!! Você, finalmente uma celebridade! Não percam a chance, comprem o livro e tirem a foto com o mais famoso cavaleiro todos os tempos, aqui presente!

(Alvoroço. O livro vai passando de mão em mão, até que Dom Quixote consegue apanhá-lo e folheá-lo avidamente.)

DOM QUIXOTE

Veja isso, Sancho! Eu não te disse que um dia alcançaríamos a glória?

SANCHO

Ficamos famosos, senhor!

DOM QUIXOTE

O que pode dar mais satisfação a um homem virtuoso e eminente que, ainda em vida, ver-se andar com bom nome nas línguas dos povos, impresso e estampado!

SANCHO

Bonito, hein senhor! E eu, também apareço nessa história?

DOM QUIXOTE

Claro que sim Sancho, como o fiel escudeiro em todas as aventuras.

SANCHO

Então conta uma aí, senhor.

(Dom Quixote procura uma passagem no livro e lê.)

DOM QUIXOTE

Veja isto: “De como certa vez o escudeiro Sancho Pança...

SANCHO

Sou eu, sou eu!

DOM QUIXOTE

...foi sacudido pelos ares por não pagar a hospedagem.”

(A Ala dos Vendedores começa a chutar Sancho pra lá e pra cá, como se ele fosse uma bola de futebol. Corifeus e Porta-Bandeira fazem a narração.)

CORIFEUS e PORTA-BANDEIRA

Chuta para a direita, lança para a esquerda... (Etc. Sancho é por fim chutado para o livro.) Goooooooool!!!

SANCHO

(Todo dolorido.) Senhor, não tem nenhuma história que seja boa?

DOM QUIXOTE

(Procura no livro.) Deixe-me ver: “O grande dia em que Sancho Pança...

SANCHO

Sou eu! Sou eu de novo, senhor!

DOM QUIXOTE

...tomou posse de sua ilha e de como principiou a governá-la”.

SANCHO

A minha ilha, senhor? Eu vou mesmo conquistar a minha ilha??

(Começa a cumprimentar todo mundo.)

SANCHO

Sancho Pança, governador de um ilha!!! Muito prazer, Sancho Pança, governador da ilha!

(A Ala dos Vendedores se agacha em círculo e forma com suas placas de anúncios uma ilha no centro do espaço.)

SANCHO

Olha aí! Olha a minha ilha!!

(Sancho tenta chegar na ilha, mas à medida que ele roda em volta dela, as placas de anúncios vão caindo e a ilha se desfaz.)

SONÍFERA ILHA (Composição de Titãs, 1984, trecho como vinheta).

PORTA-BANDEIRA

Sonífera ilha

Me enche de luz...

ALA DOS VENDEDORES

Ai que dóóó...

SANCHO

Pedi uma história que fosse boa senhor... pula essa. O que mais tem aí?

DOM QUIXOTE

(Procura no livro.) Eu achava que fosse, Sancho! Vejamos: “A terrível noite em que Sancho Pança...

SANCHO

Sou eu mesmo, vocês já sabem...

DOM QUIXOTE

...borrou-se de medo ao ouvir o estrondo do engenho d’água.”

SANCHO

Não senhor, essa não!... Sabe o que aconteceu, é que...

(A Banda faz sons de caganeira. Sancho fica apertado e procura rápido onde fazer as necessidades. As placas de anúncios da Ala dos Vendedores viram cabines, Sancho vai de uma em uma, mas estão todas ocupadas. Ele acaba fazendo dentro da capacete original de Dom Quixote. Fedor no ar.)

SANCHO

Justo essa história, senhor?... Assim não dá! Não tem nenhuma que seja boa?

DOM QUIXOTE

(Tapando o nariz.) Pelo que imagino, Sancho, não há história no mundo, sendo de homens, que não tenha seus altos e baixos, e especialmente as que tratam de cavalarias!

SANCHO

(Vai até o livro.) Senhor, olha esse desenho! Lembra aquele dia? “Em que o famoso cavaleiro Dom Quixote de La Mancha confundiu um rebanho de ovelhas com um exército.”

DOM QUIXOTE

Era um exército, Sancho!...

(A Ala dos Vendedores, com as bacias na cabeça, vira um exército. Quixote saca a espada para combatê-los, mas no último instante eles viram ovelhas no chão, balindo em volta dele. Formam uma fotografia.)

PORTA-BANDEIRA

Dom Quixote! É isso! Pare onde está! Este ângulo está perfeito, vira só um pouquinho pra direita, você tá meio fora do foco. Isso, volta, foi demais, assim! Dom Quixote, essa vai ser a foto para o lançamento do livro, vamos mandar pra internet, orkut, youtube, Dom Quixote! Fama, glória, sucesso, sessões de autógrafos! Ô Sancho, presta atenção! Junta com Dom Quixote, é legal vocês saírem juntos, isso, ok! As ovelhas, será?... Sim as ovelhas também podem compor! Vamos lá, quero ver as ovelhas sorrindo! Podem se levantar as ovelhas, quero ver alto astral, os dentões das ovelhas, atenção: olha o passarinho! (A foto é batida. Ficam congelados na imagem promocional.) Ah Dom Quixote, imagine só! A sua imagem em outdoors espalhados pelo mundo inteiro, Paris, Berlim, Estocolmo, Barra Funda, Amsterdam, Massachusetts! (As ovelhas com as placas de anúncios vão saindo da imagem, ficando apenas Quixote e Sancho congelados na foto.) Basta você assinar aqui ó, esse é o contrato do lançamento do livro, tá? Lançamento mundial do livro em 32 línguas! Pode pegar, assine aqui, você vai ter um contrato com a gente, daí você vai ter que, enfim, a sua imagem vai estar ligada à nossa marca, certo? Então... (Dom Quixote, ainda congelado na imagem com Sancho, se revolta.)

DOM QUIXOTE

Vendilhões!! Como ousam querer que um cavaleiro se preste a este papel? Sou cavaleiro andante, e não um reles mercador de livros! Um cavaleiro não age por dinheiro, não pode lucrar com suas façanhas! Vamos sair Sancho!!

SANCHO

Eu não estou conseguindo, senhor! Acho que estamos presos!!

DOM QUIXOTE

Estamos presos na nossa própria imagem, Sancho!

SANCHO

Ah, não! Dom Quixote, faz alguma coisa!!!

DOM QUIXOTE

Vamos contar até três!

AMBOS

Um, dois, três!!!

(Giram e mudam de direção, mas continuam presos.)

SANCHO

Não deu certo, senhor! Continuamos presos!!

CENA 5 :: MASSACRA / SÃO PAULO

Quarta alegoria e instalação coletiva – “Ala do Dragão”.

(A Banda ataca um punk-rock. O Coro entra em formação, todas as placas de anúncios viram asas de um imenso dragão, a “Ala do Dragão”. Duas coreutas, com saias de baianas e capacetes de moinhos de vento, fazem os olhos do dragão e cospem fogo. A Ala do dragão evolui, entrando em combate com Dom Quixote, armado de lança e escudo.)

MASSACRA / SÃO PAULO

CORO

Venda os olhos

Abra o peito

Massacra

Massacra

Massacra

Massacra o rio, massacra as árvores,

Massacra os prédios, massacra os carros

Massacra o povo

Tritura e mistura no suor dos que trabalham

São Paulo!

*Imensidão do mar que não se acaba
Me ensina a olhar
Quais veias imigram a nossa existência
Um só
Eu e você
Um só corpo
Brasil
Um só corpo, terra
Dom Quixote, São Jorge
Ferradura, cavalo
O dragão que não deve ser morto
A fome de quê?
O dragão dos meus olhos
Guiando a cidade
Abrindo caminhos
Massacra
Massacra
Massacra
Massacra o chão
Massacra a flor
Massacra o pão
Massacra a música, a tinta e o grão
O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado!
Me ensina a olhar
Tira a venda!*

(Dom Quixote e Sancho são rodeados pela Ala do Dragão, Quixote luta até a exaustão, Sancho se encolhe no chão com medo. Ao final da música, a Ala do Dragão se retiram, apenas as Baianas-Moinho de Vento permanecem sentadas no chão. Quixote e Sancho ficam sozinhos no centro. Todas as asas/placas de anúncios estão agora penduradas nos ombros de Dom Quixote. Entra uma figura feminina, Rosinha de Chica, roupa clara, guias no pescoço, misto de pescadora/bordadeira/entidade da linha de marinheiro/moradora de rua. Cambaleia como que tresnoitada, vem cantando.)

AMOR COM GUERREIRO

(Baião de princesas tradicional, Casa Fanti Ashanti, São Luís – MA, adaptação).

ROSINHA DE CHICA

*Não quero amor com guerreiro
Pra o fogo não me queimar
Quero amor com marinheiro
Que anda nas ondas do mar*

*Ai meu Pedro
Ai meu Pedro
Ai meu Pedro nas ondas do mar*

*Não quero amor com guerreiro
Pra o fogo não me queimar
Quero amor com marinheiro
Que anda nas ondas do mar
Ora ita, ora ita
Ora ita nas ondas do mar*

(Olha fixamente para o Quixote.) Contra o que estás lutando, Don Quijote de La Mancha? Contra o mesmo que eu estou?

(Ela segue seu caminho, fumando um palheiro. Entram outras Baianas com capacetes de moinhos de vento. Forma-se a “Ala Moinhos de Vento”. Começam a rodar lentamente em volta de Dom Quixote, que está no centro, com o fardo das placas e a espada na mão.)

CENA 6 :: O MUNDO É UM MOINHO

Quinta instalação coletiva – “Ala Moinhos de Vento” – “Baianas de Aço movidas pelo vento me ensinam a olhar.”

(Dom Quixote, no meio dos moinhos de vento, começa a rodar no mesmo ritmo deles, enquanto fala.)

DOM QUIXOTE

A aventura vai nos guiando melhor do que pudéramos desejar, amigo Sancho. Eis ali, desaforados gigantes a quem penso combater e tirar-lhes, a todos, a vida!

SANCHO

Que gigantes, senhor?!...

DOM QUIXOTE

Estes que aí vês, com grandes braços!

SANCHO

Veja bem meu senhor, que aquilo ali não são gigantes, mas apenas moinhos de vento, e o que neles parecem braços são as asas, que impelidas pelo vento, fazem andar a pedra do moinho.

DOM QUIXOTE

Bem se percebe que não és versado nessas aventuras. São gigantes, e, se tens medo, afasta-te e põe-te a orar, enquanto me defronto com eles em fera e desigual batalha, pois será grande serviço a Deus o de extirpar da face da terra tão má semente. Dá-me as armas!

SANCHO

Não, senhor, são moinhos!!

DOM QUIXOTE

Não fujais, covardes e vis criaturas, pois um cavaleiro vai enfrentar-vos sozinho! Por Dulcineia!!!

(Bate-se com a Ala Moinhos de Vento. Elas desviam cada golpe de lança com o giro do moinho, até que ele cai. Sancho Pança, do meio do público, fala com ele.)

SANCHO

Dom Quixote de La Mancha, o cavaleiro da triste figura... Ainda é cedo, senhor. Mal começou a conhecer a vida, sem saber que rumo tomar... Presta atenção, Dom Quixote... Em cada esquina cai um pouco sua vida... O mundo é um moinho, Dom Quixote!... (Etc.)

(A Banda toca um samba-canção. As Baianas da Ala Moinhos de Vento tiram pessoas do público para dançar. Quixote levanta-se resignado, agora livre das placas que lhe pesavam sobre os ombros, e dança também com uma das Baianas, enquanto Sancho lhe fala e a música segue.)

O MUNDO É UM MOINHO (Composição de Cartola, 1976.)

CANTOR

Ainda é cedo amor, mal começaste a conhecer a vida

Já anuncias a hora de partida

Sem saber mesmo o rumo que irás tomar

Preste atenção, querida

Embora eu saiba que estás resolvida

Em cada esquina cai um pouco a tua vida

E em pouco tempo não serás mais o que és

Ouçá-me bem, amor

Preste atenção, o mundo é um moinho

Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos

Vai reduzir as ilusões a pó

*Preste atenção, querida
De cada amor tu herdará só o cinismo
Quando notares estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés*

(Ao final da música, Quixote vaga entre os moinhos, que continuam a girar.)

SANCHO

Abismo que cavaste com teus pés! Valha-me Deus! Não disse ao senhor que visse bem o que fazia, que aquilo eram apenas moinhos de vento?

DOM QUIXOTE

São gigantes! São gigantes de pedra e aço! E devoram cada vez mais a minha Dulcineia!... Onde está a minha Dulcineia? Onde está? Dulcineia! Dulcineia!! Onde estão os teus cabelos de ouro? Teus lábios de coral? os Campos Elíseos de tua testa? Onde estão os teus rios? Onde estão os teus rios?? De águas límpidas e cristalinas?... A minha Dulcineia não existe... A minha Dulcineia não existe!!!! E eu não sou mais um cavaleiro!!

SANCHO

Como assim, senhor?!? Como assim não é mais um cavaleiro?!?

DOM QUIXOTE

Agora eu percebo. Tudo o que eu vi foi miséria, injustiça e corrupção. A minha Dulcineia era um sonho... E a minha vida de cavaleiro termina aqui!

(Deita-se no chão. Todos os integrantes do Coro também vão se largando pelo chão do espaço. Sancho tenta levantar Quixote do chão.)

SANCHO

Senhor, não pode! O senhor me disse que o cavaleiro andante jamais desiste! E o senhor é o maior de todos os cavaleiros andantes! É Dom Quixote De La Mancha! Não pode desistir, senhor!

DOM QUIXOTE

(Sem se deixar convencer.) De que vale um cavaleiro lutar sozinho contra gigantes, Sancho?... Não há mais caminho! Não há mais para onde ir!

SANCHO

Levanta, senhor! Levanta! (Quixote finalmente se levanta. Sancho o ampara para prosseguirem o caminho.) Vem, senhor. Vamos apontar outros caminhos. Vamos navegar em outras águas!

DOM QUIXOTE

Sancho! Eu nunca vi em história alguma de cavalaria que escudero algum guiasse um cavaleiro!...

SANCHO

Vamos conhecer as “ilhas” dessa cidade, Dom Quixote!

CENA 7 :: ILHAS DE RESISTÊNCIA

Sexta instalação coletiva – “Ciranda de São Jorges e Quixotes”

[Ouve-se a chegada de surpresa de outro grupo artístico, convidado com uma das “ilhas de resistência” da cidade. O grupo pode ser de qualquer espécie, teatro, dança, música etc. Todo o Coro se levanta do chão e se prepara pra receber os recém-chegados. O grupo convidado apresenta alguma cena, música ou dança etc., envolvendo e interagindo com o público e com a Cia São Jorge de Variedades.]

[Ao final da apresentação do grupo convidado, um grande manto vermelho retangular é estendido no centro. Sancho e Quixote reaparecem. Sancho está trajado como São Jorge, com capacete de penacho, capa e uma folha de espada de São Jorge na mão. Todo o Coro senta em torno do manto. Sancho coloca-se na extremidade do manto, e Quixote no centro. Música do encontro final entre Dom Quixote e São Jorge, todo o Coro canta.]

FINCA SÃO JORGE

CORO (QUIXOTES)

*Finca São Jorge esta espada no meu peito
Sou Dom Quixote de La Mancha o mundo inteiro
Azul e Branco, arco-íris de guerreiro
Mata o dragão e dá meu nome verdadeiro.*

(SÃO JORGES)

*Tu és bem forte, ó tão nobre cavaleiro
Tens teu nome conhecido no mundo inteiro
Sigo contigo sonhador, nós dois guerreiros*

(TODOS)

Nós somos Jorges e Quixotes brasileiros

(Ao final da música, todos os integrantes do coro despojaram-se de suas jaquetas de marinheiro azuis e chapéus, jogando-os sobre o manto. Todos então adaptam o penacho de São Jorge em suas bacias de Quixotes e as vestem, unindo simbolicamente as duas figuras.)

(Sancho Pança cerimoniosamente despojou Quixote de toda sua armadura, deixando-o com o torso nu, de joelhos sobre o manto. Sancho ergue a espada de São Jorge sobre o Quixote e o sagra novamente, desta vez com uma oração a São Jorge.)

SANCHO E CORO

Quando a tempestade do desassossego e da dúvida levantar um turbilhão em tua alma e quando o dragão do desespero rugir no teu coração, confia: há de surgir o cavaleiro da esperança, São Jorge, e devolver-te a paz e tranquilidade, a alegria e o amor, com Deus e com os homens.

(A Banda começa a tocar uma ciranda. Sancho entrega uma espada de São Jorge a Quixote. Põe-lhe um capacete de penacho, tornando-o também São Jorge. Ambos com a espada na mão, fazem uma dança, um duelo encenado sobre o manto e ao final se saúdam.)

(Todo o Coro e a Banda, junto como grupo convidado e o público, começam uma ciranda que vai formando círculos pelo o espaço e depois sai em cortejo pela praça ou rua. Os Corifeus, em pernas de pau, circulam pelo espaço e agitam as bandeiras da Cia. O cortejo durando o tempo que tiver que durar.)

CIRANDA PRA SÃO JORGE E DOM QUIXOTE

CORO e PÚBLICO

*Acorda povo, vem cirandar
É São Jorge e Dom Quixote
Que hoje vem nos visitar*

*Bordei no peito a lua cheia de esperança
Plantei um arco-íris no chão do meu país
Eu sou Quixote sonhador
São Jorge guerreiro eu sou
Oi dá licença que hoje eu quero ser feliz*

*Acorda povo, vem cirandar
É São Jorge e Dom Quixote
Que hoje vem nos visitar*

ATORES

Espera lá, ele tem razão, mas por outro lado, será que essa nossa cidade só tem desilusão. Ou podemos apontar outros caminhos. Fazer esse D. Quixote navegar em outras águas.

ATORES

Tá e aí? Como continua?

* * *

REALIZAÇÃO



Este projeto foi contemplado pela 42ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa